



SEGUNDA CHANCE: GLOBAL SHAKESPEARE E A CRÍTICA A SUAS FERRAMENTAS DE ANÁLISE

SECOND CHANCE: GLOBAL SHAKESPEARE AND THE CRITIQUE OF HIS ANALYSIS TOOLS

Vitoria Ribeiro*

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

<https://orcid.org/0000-0002-2332-4724>
ribeiro.vitoria@unifesp.br

Sandra Young¹ é autora de **Shakespeare in the Global South: Transcolonial Solidarities across Oceans of Difference: Stories of Oceans Crossed in Contemporary Adaptation**, obra publicada em 2019 e que compõe junto a outros dois livros uma série intitulada *Global Shakespeare Inverted*. A série tem o intuito de desafiar a perspectiva de centro *vs.* periferia presente nos estudos do *Global Shakespeare*, estabelecendo alternativas metodológicas que invertem a relação de Shakespeare com o suposto “outro”. Segundo a própria autora, seu objetivo com o livro é de explorar a solidariedade gerada por adaptações contemporâneas de peças de Shakespeare e suas histórias de deslocamento (*displacement*) e sobrevivência.²

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em História pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.

¹ Professora do Departamento de Estudos Literários Ingleses da University of Cape Town (UCT). Possui bacharelado e mestrado em artes pela UCT. Também é mestre e doutora em filosofia pela Rutgers (The State University of New Jersey). Suas principais áreas de pesquisa são: literatura na Idade Moderna; adaptações contemporâneas de Shakespeare; literatura africana, diaspórica e afro-americana; literatura e teoria pós-colonial. A autora se interessa pelas formas textuais e seus impactos nas relações de poder. Disponível em: <http://www.english.uct.ac.za/dr-sandra-young>. Acesso: 09/08/2021.

² Informações também presentes na página da UCT acima citada.

A obra é constituída por seis capítulos, sendo o primeiro dedicado a interpretação da autora de Sul Global e a apresentação das principais críticas a serem trabalhadas no decorrer do livro; os quatro capítulos seguintes são centrados na instrumentalização de categorias de análise recorrentes no campo do *Global Shakespeare*; e o capítulo final busca dialogar o que foi até ali apresentado com os demais livros da série.

Intitulado *Introducing the Global Shakespeare*, o primeiro capítulo expõe como Young trabalhará suas categorias de análise nos demais capítulos. Um primeiro elemento a ser elencado nas intenções da autora são as chamadas “afinidades”. Estas poderiam complexificar um panorama inclinado a relações dicotômicas entre dramaturgos do Sul Global e obras shakespearianas (p. 1). Olhar para as afinidades entre ambos significaria compreender a autonomia criativa dos dramaturgos, muitas vezes subjugada.

O livro propõe colocar à prova algumas das terminologias utilizadas no debate de *Global Shakespeare*. São elas: *creolization*, *indigenization*, *localizations* e *Africanization* de Shakespeare (p. 2). Young destaca que neste campo de estudos é predominante a leitura que posiciona Shakespeare como figura dominante no trabalho criativo, como centro da discussão (p.3). Neste texto Young intenta compreender se estas categorias perpetuam ou não tal ponto de vista.

O processo de descentramento (*ex-centric*) é para Young uma maneira de relacionar as obras shakespearianas e estes dramaturgos, dialogando com uma teoria crítica que encare o Sul Global enquanto uma epistemologia que desafie o Norte Global (p. 7). Para a autora, a importância do discurso do Sul Global nos estudos culturais está em possibilitar uma intervenção crítica que não reforce binarismos, direcionando sua atenção para as conexões e afinidades entre diversos contextos do Sul (p. 6). Segundo a autora, o termo registra em si a possibilidade de ser disruptivo e transformador (p. 7).

O otimismo para com a terminologia não impede a autora de salientar que a mesma é vaga e inexata dentro da prática da análise cultural (p. 7). Como Young faz uso crítico do conceito, encarando-o dentro de uma disputa que exige a escolha de um lado, do qual não se isenta, é de se realçar. Esse é um dos pontos fortes da obra. A procura por uma visão crítica e que encare as complexidades da leitura do mundo possibilita à autora justificar as trajetórias de encadeamento de ideias presentes no livro.

A argumentação deste capítulo percebe as diversas escalas de atuação do global dentro dos estudos culturais. Young caracteriza o Sul Global enquanto uma retórica que atende a suas intenções para um olhar descentrado e que acolha as visões de um Sul (não geográfico). Em seguida volta sua atenção ao global em *Global Shakespeare*.

O global é encarado pelo campo de estudos sobre Shakespeare como parte da virada espacial nos estudos culturais. Global dentro desta chave, sinaliza Young, não deve ser encarado enquanto universal, mas sim como aquele que confronta a ideia de um ponto de vista vantajoso (p. 15). A autora enfatiza um estudo atento e crítico a um Shakespeare universal. (p. 18).

Young é otimista ao que o *Global Shakespeare* tem para oferecer aos estudos culturais. A possibilidade de ser um campo mais radical do que um modelo de lacunas históricas a serem preenchidas (p. 19). Longe disto, há para a autora a possibilidade do *Global Shakespeare* crescer com uma autocrítica que desloque sua abordagem de uma relação centro *vs.* periferia e que busque por suas afinidades.

O que cabe a esta resenha agora é observar se este objetivo foi de fato cumprido. Vale ressaltar que, como dito no início, os quatro capítulos que se seguem são exemplificações que procuram testar certas categorias de análise caras ao seu campo de estudo. Young pretende nestes capítulos examinar os limites destas leituras. Maior atenção será dada a alguns elementos que se sobrepõem na construção argumentativa da autora com intuito de refletir sobre os ganhos e perdas de suas escolhas.

O segundo capítulo intitulado *Creolization* trabalha com um exemplo que vem das Ilhas Maurício, junto ao continente africano. Apresenta a peça *Toufann* de Dev Virahsawmy que explora os sentimentos anticoloniais e de liberdade da obra shakespeariana *A Tempestade*. Young dialoga com o trabalho da professora Fraçoise Lionnet que também se dedicou a analisar a peça de Virahsawmy. Young pretende traçar as afinidades que atravessam o tempo e o espaço e que remontam a características da obra de Shakespeare que são reapropriadas em *Toufann*.

A relação do dramaturgo mauriciano com Shakespeare é vista pelo olhar da translocação³, categoria de análise que retorna ao trabalho de Young em várias ocasiões. Para a autora a translocação é a forma de estabelecer um diálogo qualitativo entre esses atores. A translocação de Shakespeare para o Oceano Índico contemporâneo seria um jeito de se desvencilhar de um imaginário colonial e de uma escrita acrílica da peça (p. 23).

Debatendo com Lionnet, a autora entende que esse processo de translocação é pertinente para expor uma outra relação de Shakespeare com esses dramaturgos, em contraste com um legado inglês de herança colonial (p. 24). Para a autora, *Toufann* é

³ A translocação é um conceito que se encontra em relação com a premissa da virada espacial, momento em que as ações humanas e representações culturais não poderiam mais ser firmadas em um dado local demarcado territorialmente, mas sim passavam a ser lidas fora de uma entidade, seja ela um Império ou Estado-Nação (Munkelt, Schimitz, Steind & Stroh, 2013). É um campo atrelado aos estudos pós-coloniais e dos estudos de cultura no qual Young possui formação.

exemplar em demonstrar o valor da cultura mauriciana engajada com a obra shakespeariana, tomando a liberdade de examinar suas próprias criações, construindo uma estética própria e complexa (p. 24).

Young entende que a creolização linguística presente na peça é um meio de construir essa translocação. A autora expõe que ao instrumentalizar a categoria *creolization* é possível construir uma análise crítica da relação desses dramaturgos do Sul Global com Shakespeare. O que há não é uma síntese, mas sim a produção constante de algo novo e singular (p. 27). A ideia de influência e síntese são criticadas, o que se busca é uma análise que desponte nas afinidades, nas congruências e nos enredamentos. Para a autora, a peça apresenta uma alternativa para leituras puristas de cultura (p. 28).

Young traz exemplos de como Virahsawmy consegue transpor para sua peça atributos do dia-a-dia da população mauriciana, ao mesmo tempo que apresenta referências de Shakespeare com a intenção de construir um horizonte justo para os mauricianos. As escolhas políticas de *Toufann* dizem respeito aos interesses do dramaturgo em seu momento histórico, recriando a seu modo *A Tempestade*. Estabelecendo algo novo.

Em contrapartida, no capítulo seguinte intitulado *Indigenization*, é apresentada uma outra categoria comum dentro do campo de estudos do *Global Shakespeare* que, para Young, não é suficiente para certas análises. Para a autora, a indigenização dificulta o reconhecimento da translocação das obras de Shakespeare (p. 49). Novamente a autora se utiliza da translocação para balizar o que acha pertinente.

Para Young este conceito depende da dicotomia entre centro *vs.* periferia, não reconhecendo as imbricações que complexificam a performance de uma autenticidade cultural (p. 50). O caso a ser exemplificado neste capítulo está situado na Índia e, diferentemente do capítulo anterior e daqueles que se sucedem, não se trata de uma peça, mas sim de um filme. Intitulado *Haider* e dirigido por Vishal Bhardwaj, a obra de 2014 conta a história da administração indiana de Caxemira nos anos 90, trazendo componentes da peça *Hamlet* (p. 51).

Para Young assimilar este filme dentro da categoria *indigenization* não é suficiente, tendo em vista o contexto muito mais complexo de realização da obra. A autora entende que seu uso dentro de uma análise do *Global Shakespeare* acaba por enfatizar atitudes coloniais, conscientes ou não. Aqui cabe indicar que a autora não descarta o termo como um todo, mas sim para o tipo de análise que ele se encontra empregado (p. 53). A crítica feita por Young ocorre em resposta a uma questão presente em seu campo que se utiliza desta categoria para discutir *Haider*.

A autora apresenta o filme, expondo a relação subjetiva do diretor e do público com as obras de Shakespeare, elencando os questionamentos da obra ao estado militarista indiano e discutindo sobre uma região rural, com seus ritos, canções e cultura que resistem (p. 66-67). Young aponta para as complexidades de examinar o filme de Bhardwaj, sendo impossível reduzi-lo a uma indigenização de Shakespeare que ignora os aspectos culturais e políticos, objetivos e subjetivos, contemporâneos e ancestrais, que compuseram esta obra (p. 73).

A dinâmica do quarto capítulo, intitulado *Africanization*, se difere em relação aos anteriores, mostrando uma pesquisa mais abrangente sobre o uso do termo. Sua intenção é demonstrar a importância de análises que não foquem na ideia de que Shakespeare é sinônimo da colonização britânica (p. 82).

Trabalhando com exemplos de países do continente africano pós-independência, busca explorar como esse tempo histórico possibilitou múltiplos usos de Shakespeare (p. 91). Young se volta para os debates iniciados nos anos 70 sobre como seriam feitos os currículos escolares a partir de então. Conversas que visavam valorizar autores africanos, retirando autores ingleses das aulas de literatura.

São apresentados autores diversos que se propuseram a analisar essa questão. Ao fim da explanação desse debate é exposta do seguinte modo: “While calls for the decolonization of the curriculum catalysed the widespread removal of British literature in favour of African literature in schools and universities, the one exception for many years was Shakespeare.”⁴ (p. 97). Ressaltar Shakespeare enquanto exceção me parece algo contraproducente para os interesses que a autora vem apresentando no decorrer do livro. Neste capítulo a frase soa particularmente estranha aos ouvidos do leitor.

A permanência de Shakespeare no currículo escolar não foi algo visto como positivo para todos e Young não deixa de expor isso. Porém, a excepcionalidade de Shakespeare não estaria, segundo a autora, atrelada a um passado colonial e inglês, mas sim ao escritor propriamente dito. Isso pode tirá-lo de um contexto de produção e reprodução de suas peças durante o Império inglês e que modificou sua relação a partir de então, desconsiderando a historicidade deste processo. A autora chega a comentar sobre o caráter simplista de tais críticas (p. 99), o que também é problemático.

O contexto do apartheid na África do Sul faz com que a discussão sobre os currículos demore mais para aparecer no país. A partir dos anos 2000 o uso de Shakespeare

⁴ “Enquanto os apelos para a descolonização do currículo catalisaram a remoção generalizada da literatura britânica em favor da literatura africana em escolas e universidades, a única exceção por muitos anos foi Shakespeare.” (Tradução nossa).

nas escolas passa a ser uma escolha, e não mais algo compulsório (p. 99). Ao mesmo tempo que essa mudança foi qualitativa ao possibilitar a artistas sul-africanos que soltassem sua criatividade e que se desprenderam de usos canônicos do autor; este enfoque acaba por minimizar a experiência imperialista no uso das obras de Shakespeare.

Young parece minimizar as problemáticas levantadas por esses autores. Pela construção argumentativa, essas críticas seriam simplistas por desconsiderar o quanto Shakespeare é maior que sua “versão” imperialista. A escolha por apresentar características específicas da obra de Shakespeare reitera o caráter excepcional citado por Young. Há ambiguidade e más escolhas no encadeamento das ideias.

Entretanto, entendo que a autora possui um olhar crítico para si e para suas ferramentas de análise e sua preocupação e responsabilidade para com seu campo de pesquisa deve ser considerado mesmo diante de possíveis críticas.

No mais, para reiterar sua argumentação sobre a complexidade no olhar sobre Shakespeare, Young comenta sobre sua apropriação por militantes nacionalistas africanos do período do apartheid. Destaca o papel das discussões sobre a humanidade nas obras shakespearianas para as reflexões feitas pelos presos políticos (p. 100). Shakespeare, segundo a autora, possibilitou para estes nacionalistas de uma antiga geração um meio para se expressar (p. 101).

No quinto capítulo, intitulado *Diasporic disruptions*, a autora opera com a categoria de diáspora para discutir o panorama do imigrante, as vulnerabilidades de seu deslocamento (*displacement*) e de suas comunidades desprovidas de poder; porém, apresentando as possibilidades disruptivas de criação de projetos que estremeçam a hegemonia cultural (p. 103).

Young comenta sobre uma peça que aborda a perspectiva do deslocado. Peça de 2007 de Shishir Kurup intitulada *The Merchant on Venice*, releitura de *O Mercador de Veneza* (*The Merchant of Venice*). A ambientação da peça é Venice Beach em Los Angeles, mostrando uma comunidade sul-asiática nas proximidades (p. 104).

O interesse agora é apresentar as aplicabilidades e limites do debate que se utiliza do termo diáspora para examinar a formação da identidade e noção de pertencimento (ou não pertencimento) de imigrantes; as nuances e instabilidades que ali existem (p. 104).

Young analisa a presença do migrante nas obras shakespearianas e como há trabalhos dentro de seu campo de estudos que procuram demonstrar um Shakespeare que trata o ‘outro’, o estrangeiro, com dignidade (p. 109). Tanto neste capítulo como no anterior a autora traz mais elementos da obra de Shakespeare para legitimar seu uso pelos

dramaturgos, reforçando a possibilidade de observar as peças shakespearianas fora de uma leitura universal, desassociando-a de uma hegemonia colonial inglesa (p. 110).

Nos demais capítulos ela se vale mais das experiências dos dramaturgos e diretores que reconheciam a importância objetiva e subjetiva que Shakespeare tem para eles dentro de seus contextos.

No transcorrer da explanação Young traz exemplos para demonstrar o tipo de relação entre os personagens que Kurup busca destacar. Ao descrever o enredo a imagem de conflito em diferentes frentes, sejam elas culturais ou religiosas, se faz presente. O relacionamento entre a filha do personagem principal e um imigrante latino pesa no intuito da peça (p. 113).

O romance entre os dois personagens não corrobora com a ideia de uma assimilação irrestrita entre a cultura muçulmana e a latina. Mostra experiências compartilhadas entre imigrantes construindo solidariedade sem ofuscar distintas heranças culturais (p. 113-114). Esse é um elemento que possibilita para a autora uma visão crítica sobre diáspora e multiculturalismo enquanto instrumentos de análise.

Como o que aparece em disputa é justamente a identidade e a etnicidade desses jovens, a autora concebe que a peça é capaz de resolver um problema que ela enxerga no multiculturalismo e no uso da categoria diáspora dentro do *Global Shakespeare*.

Para Young, a peça de Kurup permite aos personagens e, por extensão, os espectadores, reconhecer as crueldades causadas por identidades hegemônicas (no caso, a norte-americana) (p. 118), apresentando uma análise dos sistemas hegemônicos de poder que possuem a legitimidade para estabelecerem desigualdades sociais. O enredo explicita, segundo a autora, que o apelo à etnicidade pode ser dúbio, visto que a celebração do multiculturalismo não significa a resolução dos conflitos étnicos de imigrantes estabelecidos no Norte Global (p. 119).

Sua crítica ao multiculturalismo vem de um diálogo que Young traça com Stuart Hall. A autora aponta que esta terminologia, no singular, reivindicando uma política de cultura em específica, se coloca a serviço da cultura hegemônica, traçando uma relação que a mantém como superior. Não somente, mas a ideia de se construir um projeto multicultural pode levar a simplificações de culturas ao colocá-las como monolíticas (p. 122).

A autora se distancia de Hall por compreender que o autor acredita em identidades políticas diaspóricas capazes de tornar perceptível a vida precária dos imigrantes por meio do ato de nomeá-las e torná-las visíveis. Hall, dentro desta chave,

pensaria o estabelecimento de uma vida comum e igualitária sem direcionar as injustiças sociais e a falta de poder econômico destas culturas (p. 124).

Feito este balizamento, é retomada a categoria de diáspora e seus limites dentro do *Global Shakespeare*. Para Young, apesar de existir um discurso crítico da diáspora capaz de oferecer um panorama que reconheça as dinâmicas mais complexas de mobilidade, ele não necessariamente explicita as relações de poder (p. 124).

Dialogando com Arif Dirlik a autora ressalta a possibilidade da categoria diáspora levar a novas formas de dominação cultural, manipulação e commodificação das identidades; quando novas elites são capazes de assegurar seus interesses de classe se referenciando as identidades diaspóricas (p. 124).

A atenção de Young ao fazer essa crítica recai na necessidade de demarcar aqueles caminhos espinhosos que o campo do *Global Shakespeare* não deve caminhar e dos quais deve estar sempre bem munido para apresentar as devidas críticas.

Os exemplos da autora vêm para construir essa troca entre as obras de Shakespeare e os dramaturgos do Sul Global, encarando-os nesta translocação de interesses e de construção de algo novo. Demonstrando como as adaptações de Shakespeare podem ajudar a mostrar as vulnerabilidades que despontam sobre a decolonização e os caminhos desiguais do capital global (p. 125).

As críticas apresentadas neste capítulo são extremamente interessantes. A autora se encontra dentro do debate pós-colonial, referência importante de seus estudos como pode ser facilmente percebido não somente pelos seus principais referenciais como também pelo local em que leciona - é professora da Universidade da Cidade do Cabo na África do Sul. Expor os limites de termos tão caros ao seu campo de estudos é mais uma demonstração do comprometimento de Young com o desenvolvimento do mesmo.

Sua avaliação sobre dinâmicas de poder dentro de uma análise cultural é bastante acertada, mas carece de um maior aproveitamento em capítulos anteriores. Uma ideia que parece tão central para a autora só pode ser compreendida como tal próximo ao fim do livro.

A conclusão do livro, intitulada *Afterword: Insurgent Cosmopolitanism in the South*, busca não apenas elencar as principais argumentações da autora, mas também traçar uma ligação deste livro com os demais publicados. A autora indica a importância de complexificar a relação que Shakespeare vem estabelecendo, principalmente no século XXI. Young percebe que sua análise é capaz de expor as contribuições dos dramaturgos do Sul Global para com a renovação de Shakespeare (p. 127).

Estabelece a prática da translocação não como algo periférico na obra de Shakespeare, mas sim como algo capaz de relacionar contextos locais ao legado criativo da dramaturgia shakespeariana (p. 128). Em outras palavras, a translocação foi elemento importante para a compreensão da autora de quais terminologias utilizadas pelo *Global Shakespeare* vem sendo eficientes para o aprimoramento do campo de estudos de maneira crítica e que se distancie de uma leitura dicotômica que coloque Shakespeare como figura central.

Ao final do texto Young estabelece a ligação deste livro com a série⁵. A autora traz o *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade para elencar os exemplos de translocação do livro. A ideia da antropofagia como a ideia do consumo da cultura alheia para transformá-la em sua é para a autora uma interpretação poderosa e que ressoa no *Global Shakespeare* (p. 129).

A noção de antropofagia de Oswald de Andrade me pareceu assertiva para os interesses de Young, porém, como a própria autora reconhece, foi algo pontual. Apesar desta discussão aparentar ser melhor desenvolvida em um outro livro da série, ele ainda não tinha sido lançado à época. O debate fica assim sem finalização, com um gancho para uma próxima leitura.

Finaliza ressaltando o papel dos dramaturgos do Sul Global não só para revigorar Shakespeare, mas também para transformar seu trabalho (p. 134). Tornar visíveis os de baixo, trazer atenção crítica aos despossuídos do mundo. Demonstrar concepções mais abertas de políticas culturais e práticas de identificação. Possibilitar nuances em um estudo descentrado (*ex-centric*) (p. 135). São essas as intenções da autora.

Para finalizar, retomamos o desafio inicial do livro. A autora pretende desde o início romper com um modo de encarar o *Global Shakespeare* dentro da lógica de centro *vs.* periferia. À primeira vista essa ruptura com hierarquias e dicotomias poderia supor que a análise da autora não tomaria nota das desiguais relações de poder que imperavam (e ainda imperam) no mundo.

Porém, os exemplos dos capítulos revelam autores engajados no combate das injustiças sociais. Não somente, mas, as críticas feitas no quarto capítulo sublinham que um dos principais impedimentos de uma instrumentalização mais extensa de conceitos como diáspora estaria justamente na insuficiência de apreender as tensões sociais e os interesses das elites para com a discussão.

⁵ Cabe destacar especificamente *Eating Shakespeare*, livro lançado no início de 2021 e que propõe abordar os elementos de Shakespeare presentes na cultura Latino Americana e brasileira de modo específico.

O que pode ser questionado em sua recusa ao debate centro vs. periferia é a maneira como o sistema econômico capitalista se enquadra dentro de um contexto maior de opressões não hierarquizadas. Young não diz qual seria a opção para alcançar o debate das desigualdades sociais dentro desta “nova” proposta. Mas, a indagação ali criada pode ser frutífera tanto para possíveis críticas, quanto para servir de exemplo para futuras pesquisas.

Creio que de maneiras diferentes Young conseguiu cumprir com os seus interesses iniciais. Seu livro é exemplo de um texto engajado e responsável para com seu campo de estudos. A autora vê enquanto promissor os caminhos do *Global Shakespeare* que se empenhem no estudo crítico e que se volte para as demandas do Sul Global.

Tendo em vista um trabalho que se encontra a par do debate sobre o Global e que reconhece os limites e inconsistências desse termo e de sua aplicabilidade, Young consegue fazer um uso crítico do mesmo. Uma escolha que recai positivamente no questionamento sobre as categorias de análise do *Global Shakespeare* serem suficientes para os problemas discutidos.

A autora se encontra dentro da disputa pelas categorias, justificando suas escolhas para melhor desenvolver sua argumentação. Este processo não carece de defeitos e nós enquanto historiadores também temos ferramentas para fazer tais problematizações. No mais, muito da desconfiança sobre o uso do global – seu caráter teleológico e inexato – são pela própria autora indagados. Ao voltar para leituras que encarem certezas enquanto problemas e que encontre nas dúvidas um percurso produtivo, Young estimula a pesquisa e a crítica a sua própria obra.

REFERÊNCIAS

YOUNG, Sandra. **Shakespeare in the Global South: Stories of Oceans Crossed in Contemporary Adaptation**. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2019.

RECEBIDO EM: 18/05/2022
PARECER DADO EM: 06/07/2022